

QUE NEGRA É ESSA?¹

Guilherme Sigmund de Oliveira FLAVIO²

Prof. Ms. Renato Candido de LIMA³

FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo desse artigo é compreender as diferenças entre as representações de protagonistas negras em duas obras seriadas ficcionais que são "Subúrbia" e a "Pedro e Bianca", veiculadas com diferentes propostas e emissoras. Partindo dessas personagens podemos analisar suas trajetórias narrativas e dramáticas, bem como compreender como se estabelece a reiteração de um pensamento que ainda privilegia a hierarquia racial imposta.

PALAVRAS-CHAVE: negritude; TV brasileira; representações sociais.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil são raras obras audiovisuais que retratam protagonistas negras. Fruto de uma sociedade histórica e estruturalmente racista, as produções audiovisuais brasileiras também refletem a desigualdade na representação racial e de gênero. Foi nesse contexto que o doutor em comunicação e cineasta Joel Zito Araújo, em seu documentário *A Negação do Brasil (2000)*, analisou o racismo presente nas telenovelas brasileiras de 1964 até 1997. Ao realizar essa pesquisa, Joel demonstra que, desde o início da popularização destas obras no Brasil, poucas atrizes e atores negros tiveram papéis de destaque... E quando eram relevantes, eles foram calcados em estereótipos racistas em relação a pessoa negra.

Desta forma, Joel Zito apresenta diversos estereótipos negros consolidados no imaginário brasileiro e norte americano. Dentre eles, Joel destaca a presença da representação da "Mulata", mulher negra de pele relativamente mais clara que é hipersexualizada e seu estereótipo objetifica seu corpo e sua existência, colocando-a geralmente a mercê dos desejos de personagens masculinos. Este tipo de construção de

¹ Trabalho apresentado na IJ4 – Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Acadêmico do 7º semestre de RTVI da FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, e-mail: guilhermesigmund@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor dos Cursos de RTVI e Audiovisual da FAPCOM, Cineasta e Mestre em Ciência da Comunicação pela ECA/USP, email: renato.lima@fapcom.edu.br

personagem ignora a dimensão psicológica da personagem, afastando possibilidades de empatia e tornando-a resquícios da memória escravocrata brasileira.

No entanto, a presença das séries televisivas “Suburbia” e “Pedro e Bianca”, pelo fato de serem protagonizadas por mulheres negras, poderiam marcar uma ruptura neste tipo de representação estereotipada que Joel define. Mas será que de fato estas duas séries conseguem estabelecer outros parâmetros de representação destas mulheres? É o que este artigo investiga através da análise da narrativa e evolução das personagens ao longo de suas trajetórias. No caso, a base teórica desta pesquisa se centra nos textos da teórica feminista e ativista negra bell hooks (sic).

2. CONTEXTO HISTÓRICO DAS TRAJETÓRIAS DE PERSONAGENS NEGRAS COMO CONCEIÇÃO E BIANCA.

A primeira telenovela a ter um elenco majoritariamente negro foi *A Cabana Do Pai Tomás* veiculada pela Rede Globo em 1969; nela tivemos a primeira protagonista negra, a personagem *Chloé* representada pela atriz Ruth de Souza. Apesar de ser uma produção baseada na presença negra, o personagem do pai tomás foi personificado por um ator branco, Sérgio Cardoso, pintado no estilo *blackface* para atuar como negro. O ocorrido causou uma movimentação que questionava a representação midiática do negro.

Ao analisar a construção das narrativas expostas atualmente, ainda temos problemas na busca por representações negras que sejam produzidas com base em uma figura negra não estereotipada. Muito se discutiu desde a novela *Cabana do Pai Tomás*, mas apesar do diálogo ainda não conseguimos encontrar mulheres negras em papéis importantes para seus enredos. Mesmo em telenovelas como “Da cor do Pecado” (2004, João Emanuel Carneiro) na qual a personagem *Preta* interpretada pela atriz negra Taís Araújo era protagonista, mas de passagem apagada pela vilã interpretada pela atriz branca Giovanna Antonelli e pelo par romântico branco interpretado pelo ator Reynaldo Gianecchini.

Desta forma, questões emergem: existem obras audiovisuais no cenário brasileiro que apresentem a mulher negra sem uso de estereótipos ou a serviço de uma trama focada em dramas da branquitude? Qual é a responsabilidade dessas obras no reforço e estruturação de uma supremacia branca e de um sexismo/exotismo vivenciado pelas mulheres negras em nossa sociedade?

A partir do ano de 2012, o quadro de ausência de protagonistas negras começa a se modificar. Neste ano, duas séries televisivas com protagonistas negras estrearam na TV Aberta, a primeira foi *Suburbia*”; produzida e exibida pela Rede Globo em 2012 com texto do escritor/roteirista Paulo Lins e do cineasta Luiz Fernando de Carvalho; e a série “*Pedro e Bianca*”; realizada pela Fundação Padre Anchieta entre os anos de 2012 a 2015 em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

2.1 Conceição (Subúrbia)



A presença deste protagonismo negro feminino diante de um cenário escasso de representação traz a necessidade de se compreender quais são as construções dramáticas que envolvem estas protagonistas negras. Na série *Suburbia*, a narrativa gira em torno da personagem *Conceição*, garota negra do interior de Minas Gerais que vivia e trabalhava ainda criança numa carvoaria com sua família. Na trama, a protagonista é interpretada pela atriz negra Érika Januza.

A história de *Suburbia* se inicia no retrato de um acidente dramático vivenciado por *Conceição* e seu irmão num dos fornos da carvoaria. A explosão vitima fatalmente seu irmão, no entanto não existe uma construção narrativa de sentido entre a morte de seu irmão e partida de *Conceição* deste lugar, apenas um papel com uma foto do morro do Pão de Açúcar que refere ao Rio de Janeiro. Este é o mote para que a protagonista decida partir para o Rio de Janeiro acompanhada apenas de seus sonhos e de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Ao chegar no Rio de Janeiro, *Conceição* ainda criança acaba sendo levada para FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor) quando é racialmente confundida com outras crianças que cometeram um furto no bairro do Aterro do Flamengo. Apesar do testemunho do casal, ela acaba sendo detida. Sua situação se agrava quando ela entra em contato com uma adolescente que tenta obrigá-la a fazer tudo que ela mandar, inclusive denota-se intenção de abuso sexual por parte desta garota

mais velha; mas *Conceição* reage e ao enfrentá-la demonstrando uma personalidade mais forte do que havia demonstrado até o momento na narrativa.

A narrativa da personagem *Conceição* a leva de encontro a uma mulher que decide “adotá-la”, já que ela precisava de alguém que cuidasse de seus filhos e da casa enquanto morasse no mesmo lugar. Trata-se do frequente uso de mão-de-obra infantil por parte da nossa classe média brasileira. *Conceição* cresce dentro dessa realidade e tem a primeira mudança em sua trajetória quando ela conhece a família de Vera, sua única amiga no Rio de Janeiro; personagem interpretada pela atriz negra Dani Ornellas. Ao aproveitar o feriado e viajar para o bairro do subúrbio carioca de Madureira junto a Vera, *Conceição* conhece as pessoas que se tornam sua nova família.

Ao retornar para a casa onde trabalha, *Conceição* passa por uma tentativa de estupro. Acreditando estar sozinha em casa, ela é surpreendida pelo marido da sua “patroa” que ao vê-la avança para beijá-la. Ela luta e consegue se soltar do agressor, ao fugir *Conceição* pede ajuda para Vera e vai morar junto a ela em Madureira.

Nos capítulos seguintes do roteiro, é possível observar o desenvolvimento cada vez mais forte da relação de *Conceição* com esta sua nova família. O avanço desses laços fica mais evidente a cada mudança em sua trajetória. As mulheres negras de sua nova família, como Vera, Dona Bia (Rosa Marya Colin), Amelinha (Tatiana Tibúrcio) e Maria Rosa (Alice Coelho), passam a cuidar de *Conceição* como irmãs. Dado a insistência de Amelinha e Maria Rosa, a protagonista decide conhecer um baile funk e encontra o personagem *Cleiton* (Fabrício Boliveira) que instantaneamente apaixona-se por *Conceição*. O relacionamento dos dois começa quando *Cleiton* convence *Vera* a aceitar seu amor por *Conceição*.

Impulsionada por esse romance, *Conceição* começa a estudar e consegue um emprego no mesmo lugar onde *Cleiton* trabalha. Nesse novo momento de sua trajetória, *Conceição* começa a ser assediada por um rapaz que, após inúmeras visitas indesejadas até seu trabalho, tenta sequestrá-la. *Conceição*, jogada na garupa da moto de seu sequestrador, acaba sendo salva por *Cleiton*. Este momento da narrativa corrobora os indícios já presentes no capítulo 2 nos quais o protagonismo de *Conceição* perde a medida que o drama do personagem *Cleiton* se sobrepõe ainda que de maneira estereotipada. Desta forma, *Conceição* passa de uma jovem que assumia e agia suas decisões e sua fé diante das adversidades para se tornar uma espectadora das decisões de *Cleiton*.

2.2 Bianca (Pedro & Bianca)



Na série “Pedro e Bianca”, a narrativa se desenvolve em torno de um casal de irmãos gêmeos sendo eles: Pedro, personagem do ator Giovanni Gallo, um adolescente branco e sua irmã Bianca, personagem da atriz Hesnaine Vieira, uma jovem negra. Os 46 episódios desta série acompanha a vida dos irmãos durante sua passagem pelo ensino médio. Filhos de um casal interracial, Edson (negro) e Zuzu (branca), os gêmeos não idênticos trazem características diferentes do casal em seus traços, que acaba dando um diferencial para visão de mundo que cada personagem tem.

A narrativa de Pedro e Bianca, por ter uma faixa etária mais jovem (Classificação Indicativa de 10 Anos, quando foi veiculada), traz uma estrutura ontológica, ou seja, cada um dos seus episódios tem um início, meio e fim no qual não necessariamente terá relação com o capítulo seguinte. Assim, os amadurecimentos dos personagens Bianca e Pedro acontecem de maneira espaçada entre os episódios da são construídos de forma que se constroem as personagens durante toda a série os baseando em ensinamentos e situações corriqueiras, em alguns casos, para jovens da periferia.

De maneira geral, a transformação da Bianca durante os conflitos apresentados para sua personagem fica cada vez mais nítida ao avançar os episódios, ou seja, cada vez mais ela se torna capaz de resolver seus conflitos e guiar sua trajetória no decorrer da história conforme seu amadurecimento.

Para fins deste artigo e também pelo fato da série conter 46 episódios ficcionais e 6 programas televisivos de auditório, foram selecionados como análise alguns dos

episódios nos quais existem importantes momentos de virada das personagens dentro do arco dramático da série. Esses capítulos selecionados carregam uma perspectiva focada majoritariamente em Bianca, que é, além de protagonista da trama, responsável pela maior evolução entre as personagens estabelecidas como coadjuvantes.

Bianca, durante a trama, progride de uma personagem ainda com receio do jugo de seus pares na escola para se tornar uma liderança política de voz ativa no colégio. Essa mudança é gradativa ao longo da série e pode ser vista pontualmente em alguns capítulos nos quais ela é colocada em escolhas narrativas que moldam o caráter da personagem e a maneira em que ela é vista pelas pessoas a sua volta. Em certos pontos a história de Bianca entra em problemáticas mais complexas e mesmo com esses dilemas a personagem é construída de maneira clara na qual consegue ajudar seus amigos e resolver conflitos normais de uma adolescente.

Observando a trama através de suas situações de discriminação racial, abuso sexual, agressões físicas, problemas financeiros e as relações entre adolescentes que descobrem suas sexualidades; a série confronta aos poucos os dilemas sociais nos quais se repensa a discussão sobre a juventude estar apta a re-escrever suas narrativas de maneira que o protagonismo negro não esteja circunscrito a hiperssexualização ou a falta de empatia na construção dos seus personagens.

3. PROBLEMATIZANDO A CONSTRUÇÃO DRAMATÚRGICA ENTRE BIANCA E CONCEIÇÃO.

Para a figura do branco sempre foi dada maior ênfase nas representações, sejam em campanhas, em novelas ou em filmes. É comum que personagens brancos sejam representados em suas diferentes maneiras de ser e existir. Porém, quando se busca representações negras encontra-se dificuldade inclusive em quantificar personagens protagonistas negras nas obras audiovisuais. Apesar de negros serem 54% da população declarada, de acordo com o último censo publicado em 2011 pelo IBGE, ainda são a menor representação na mídia. Quando se busca por protagonistas negras esta representação é menor ainda. Para analisar de fato como essas mulheres são representadas em obras audiovisuais, houve a necessidade de uma busca maior e assim chegamos em “Pedro e Bianca” e “Subúrbia”.

Em cada uma delas temos jovens negras como protagonistas de narrativas que são ao mesmo tempo parecidas, mas bem diferentes. Em “Pedro e Bianca” nossa análise foca-se em *Bianca*, jovem negra da periferia, ela e seu irmão *Pedro* mostram o cotidiano de dois jovens e as diferentes relações que esse roteiro encontra para tratar de problemas sociais e questionamentos pertinentes a adolescentes.

Já em “Suburbia” nossa análise tem *Conceição* como foco, ela que é a representação do estereótipo *mulata*, mulher negra super sexualizada; tem sua trajetória colocada de maneira bem conturbada, esbarrando diversas vezes em estereótipos raciais

e de gênero que reforçam as estruturas sociais nas quais as mulheres negras continuam reféns do racismo e do sexismo.

Há que se considerar que em ambas as obras temos fatores positivos para a construção de um diálogo que desmistifique as mulheres negras, apesar disso a diferença de tratamento para as personagens é enorme quando as colocamos em um mesmo patamar. Bianca é a representação dos sonhos e desejos de mulheres negras, quando começamos a acompanhar a personagem temos um diálogo importante entre ela e sua avó, Dona Arminda, onde ela coloca Bianca para encarar seu reflexo no espelho e diz para a neta: "Negro é lindo! Coragem, Bianca. Você é uma Guerreira". Esse momento é significativo para a construção de uma *Bianca* forte que acredita e respeita suas raízes.

No artigo “Alisando nosso Cabelo”, a autora bell hooks (sic) (2005) defende que as relações entre mulheres negras e seus cabelos é representação da negritude e de como a hierarquia racial tenta colocá-las em caixas de aceitação. Para uma mulher negra com cabelos alisados, o mundo parece mais receptivo e aberto; essa concepção vem da similaridade com os cabelos de pessoas brancas, já que o crespo é tido como animalesco e rebelde, enquanto alisar o cabelo traz a noção de obediência e controle que a supremacia branca espera. Portanto o diálogo de *Bianca* e Dona Arminda nos faz refletir sobre o cuidado que as mulheres negras têm para com seus cabelos e como isso foi passado de geração para geração. Partimos desse ponto para uma relação familiar que, apesar de seus pontos negativos, representa o afeto que as mulheres negras nutrem umas pelas outras. *Bianca* desde o primeiro capítulo demonstra em sua narrativa a negritude que lhe foi colocada e essa negritude é carregada por ela com muito orgulho.

Considerando essa relação familiar, há em Suburbia uma irmandade de mulheres negras nas quais o apoio a protagonista entra em conflito com um questionamento sobre o protagonismo dela em si. Na história, após uma primeira tentativa de estupro que Conceição sofre, existe o auxílio e acolhimento de uma família de mulheres negras de diferentes gerações; por outro lado, a rápida mudança de estado psicológico de Conceição quando ela passa do trauma da violência sofrida pela tentativa de estupro para a alegria de estar dançando e feliz junto a outras mulheres negras da comunidade não permite a protagonista um momento de reflexão sobre o que ela viveu. Dificulta-se a construção de empatia por parte da espectadora ou espectador e tornando novamente presente a objetificação e exotização masculina da presença feminina negra. Este fetiche se denuncia inclusive na decupagem desta cena, que termina sob olhar subjetivo dos personagens masculinos que observam Conceição com desejo ao corpo desta mulher. Ao longo da série, existe esta recorrência de se retratar a protagonista negra com um viés observador fetichista.

O protagonismo de Conceição é colocado em questionamento durante a trama, já que a personagem não é dona de suas decisões, apenas de seus desejos. Ela conhece Cleiton num baile funk após uma tentativa de estupro. Neste contexto, Cleiton se apaixona por ela e decide que ela é o amor de sua vida. Portanto ele passa a tentar se aproximar de Conceição que apesar de apresentar indícios de desejos relacionados à

Cleiton os suprime e aguarda que sua irmã mais velha, Vera, decida se ele é um rapaz digno e correto.

Essa relação faz com que Conceição se torne vítima das decisões de outros personagens que deveriam se apresentar como secundários perante a narrativa, mas acabam tendo um local mais importante de construção de seus dramas do que a protagonista. Por exemplo, a permissão de relacionar-se com Cleiton é dada por Vera e não pela própria Conceição. Assim essa ideia de que o corpo e destino de Conceição depende de outros é reforçada estruturalmente na narrativa. Isso fica perceptível novamente quando esse relacionamento acaba e Cleiton toma posse total da narrativa enquanto Conceição é colocada como dona de casa desistindo até mesmo de sua possível carreira como dançarina.

A construção de protagonismo exercido por Bianca, nesse ponto, é mais condizente, já que em momento algum a personagem tem suas decisões tomadas por outros ou colocada em questionamento sobre elas. Ao longo dos episódios da série “Pedro & Bianca”, é possível verificar que os relacionamentos afetivos de Bianca foram decorrentes de decisões da protagonista, ela tomou as iniciativas para que se concretizassem estes vínculos; logo, Bianca é a dona de sua narrativa afetiva e pessoal durante todos os episódios. Quando Bianca inicia seu relacionamento com o personagem Caio, existe um amadurecimento da protagonista que se evidencia no episódio 15 denominado “*Quando eu Aceito o Outro*”. Nele, Bianca conhece Adélia, mãe de Caio, que durante uma cena de jantar realiza comentários racistas de maneira jocosa e indireta em relação a Bianca. De maneira ativa ao não perder seu protagonismo, Bianca questiona Caio sobre o comportamento de sua mãe e termina seu relacionamento com ele logo em seguida.

Ela confronta Adélia momentos após terminar com Caio, dando ênfase à construção forte que acompanha Bianca em sua trama, mesmo não chegando a uma melhora em seu relacionamento com sua ex-sogra, a personagem consegue pontuar que não é tolerável passar por comentários racistas sem questionar e romper relações com que os faz. Ela ainda se envolve emocionalmente com Leonardo, personagem do ator Vitor Hugo Rapace, no qual novamente Bianca garante que suas vontades e seu momento seja respeitado já que apesar de ter sido cortejada por Leonardo diversas vezes ela espera o momento em que se sente confortável em assumir um relacionamento com o rapaz, ela acaba assim tomando posse mais uma vez da sua narrativa sem que seu corpo e seus desejos sejam objetificados e a personagem se constrói sem colocar seu psicológico em segundo plano.

As mulheres negras têm uma relação com seus núcleos familiares que as coloca como zeladoras dessa estruturação familiar, com essa construção é esperado delas uma responsabilidade maternal que acarreta no abandono de si mesma. Quando analisado por bell hooks, no artigo *Intelectuais Negras* em 1995, foi constatado que a intelectualidade das mulheres negras é colocada em cheque por sua realidade familiar. Já que sendo esperado delas uma relação de acolhimento e zelo muitas vezes as portas se fecham para que essas mulheres consigam ingressar na vida acadêmica.

Bianca passa por uma situação similar na qual após o divórcio de seus pais, ela se vê obrigada a conciliar seus estudos com o trabalho de casa e ainda por cima ajudar a mãe com as clientes no salão. Essa realidade de jovens negras é comum e bem retratada em *Pedro e Bianca* com um conflito simples que nos faz entender a profundidade da realidade dessas mulheres e porquê muitas vezes elas são afastadas de carreiras e estudos para cuidar da família, importante ressaltar também que durante essa construção narrativa Pedro nunca foi cogitado para o trabalho doméstico e assim reforça a ideia machista de que as filhas são responsáveis pelo zelo com a casa e a família. Zuzu, mãe de Bianca, entende que está afastando sua filha de oportunidades que ela mesma não teve e decide não mais contar com Bianca no salão explicando para a filha que ela deve focar em sua realização acadêmica para atingir outros pontos em sua vida.

Em *Suburbia* temos uma situação parecida na qual Conceição tem o apoio de seu namorado Cleiton para voltar a estudar e assim realizar o sonho de aprender a ler e escrever, mas com o passar dos episódios a narrativa se complica e Conceição é abandonada, ou seja, uma personagem com desejos e sonhos para crescimento tanto pessoal quanto acadêmico acaba sendo colocada em segundo plano e em outras cenas Conceição é vista cuidando da casa e da família.

Novamente temos o comprometimento de uma mulher negra para seu lar e o afastamento dela de uma realidade onde poderia assim quebrar o ciclo que coloca pessoas negras como o menor número de alunos em universidades. Essas dramatizações condizem com a realidade de mulheres negras periféricas que precisam se submeter e se tornar cuidadoras assumindo papéis de zelo para com seus guetos familiares e consequentemente elas abandonam sonhos e estudos por não conseguirem conciliar essas realizações com a realidade a qual estão inseridas.

Neste sentido, a representação de Conceição durante sua trama traz o peso deste estereótipo em particular, citado por Andréa Luisa Martins dos Santos, mestra em linguística, em sua dissertação *Mulher Negra: das formações discursivas à consolidação e quebra do estereótipo da mulata que dança* (2018),

Trazemos a problemática da pessoa de carne e osso, como dissemos, em seu “agir e sofrer” que, por meio de seu tipo físico aproxima-se do estereótipo de uma mulher bela, graciosa, com poderes de sedução e sexualidade provocante e exacerbada. Esses valores podem parecer positivos, elogiosos e sedutores, contudo, no que diz respeito às negras, originaram-se em um tempo no qual eram exploradas sexualmente por seus senhores e em parte, ao menos, trazem essa carga. Hoje, face ao atual movimento emancipatório feminino, mencionar esses atributos, antes culturalmente tidos como positivos, vai ganhando contorno de assédio sexual e discriminação racial. Entretanto, mesmo com tal carga negativa, permanece a possibilidade de que uma jovem, de acordo com a imagem de si

que tenha, acabe identificando-se com tais valores. (SANTOS, 2018)

Essa representação, a *mulata*, é criada através da super sexualização de mulheres negras nas quais são inseridas em obras audiovisuais como objetos de desejo, tanto de homens brancos, que nos remete a ideia do colonizador e seu controle sobre as escravas negras, tanto quanto por homens negros que as colocam em situações objetificadas para satisfação de seus impulsos sexuais. Ela é construída o tempo todo na personagem da Conceição, em determinados momentos onde a necessidade de mostrá-la como objeto sexual se faz mínima podemos ver a câmera traçar as curvas de seu corpo e dessa maneira tornar monólogos significativos para construção da personagem em sequências onde ela é apenas mais uma representação da mulher negra objetificada. A narrativa deixa os sonhos e pensamentos da personagem como plano de fundo para que a câmera foque em suas pernas e saias curtas, assim fazendo de Conceição um objeto cuja a reflexão sobre sua vida não seja tão relevante quanto ela mesma.

Além disso, há na trama de Conceição situações onde a violação da sua vontade sexual é quase concretizada. O que nos faz questionar sobre a situação da personagem dentro do estereótipo da mulata... será que é necessário colocar o corpo da mulher negra como objeto de maneira tão gritante que suas relações sexuais na trama envolvam sempre momentos onde os homens não a respeitem? Fica mais claro a posição da personagem como objeto masculino quando no terceiro episódio da trama ela é, após várias investidas machistas, sequestrada por um homem branco. O rapaz a coloca na garupa da moto e deixa claro a conotação sexual do sequestro, ela por sua vez fica em uma situação de total vulnerabilidade deixando para seu namorado, Cleiton, a responsabilidade de salvá-la. Além da hipersexualização da personagem vemos também que a ideia de mulher indefesa é colocada abruptamente no meio da narrativa.

Em contraponto, quando analisamos a trajetória de Bianca sob o olhar da representação estereotipada que temos em Suburbia podemos visualizar uma naturalidade com a qual a sexualidade é inserida na trama. Bianca tem sua narrativa focada em conquistas escolares e relacionamentos afetivos, que muitas vezes são naturais para sua idade, com esse enfoque ela constrói no imaginário popular a relação entre corpos negros e a naturalidade dos afetos para com eles. Isso é mais importante quando levado em consideração o público-alvo no qual a série se baseia sendo que a representação positiva de mulheres negras para jovens reconstrói, de maneira saudável, o posicionamento dessas mulheres na sociedade.

No quarto episódio de Pedro e Bianca (Coragem para encarar), ocorre entre os meninos do colégio uma competição para escolher a garota mais “gata” da escola, onde eles decidem por meio de notas quais são as meninas que merecem mais atenção dos rapazes. Bianca entende que a objetificação proposta por eles é errada e parte desse ponto para tentar corrigir os colegas. Apesar de suas boas intenções ela acaba entrando na competição por questionamentos sobre seu corpo feitos por Luara, personagem da atriz Amanda Guarnieri, a briga entre as duas se intensifica ao ponto de Bianca falsificar

a votação para vencer a amiga. Com o anúncio da vencedora se aproximando, Bianca entende a complexidade da situação e o quão imatura foi e assim acaba com os planos dos garotos apagando todos os votos e assim quebrando a rivalidade quem foi imposta entre ela e suas amigas.

Ao se encaminhar para o final da série, a trama de Conceição apresenta sua protagonista perdida que claramente espera ser salva. Por outro lado, o personagem Cleiton alcança seu ápice quando ele se auto-resgata em valores santificados. Na trama, Cleiton praticamente ressuscita de uma emboscada na qual ele é vitimado e fuzilado, sendo que sua redenção se dá pelo amor que tem por Conceição. Esse fechamento da narrativa indica um maior foco em Cleiton se compararmos a trajetória de Conceição, que tem sua história praticamente “deixada de lado” naquilo que poderia ser a densidade de seus conflitos pessoais e psicológicos. A resolução para Conceição se torna uma história comum para personagens femininas de modo geral, que é se casar com o homem de seus sonhos. Nisto, até mesmo a rivalidade de Conceição com sua antagonista Jéssica é colocada em segundo plano, não tendo nem mesmo uma cena para a resolução deste conflito, apenas uma fala de Conceição que diz já ter resolvido este problema.

O ápice da caracterização final de Conceição acontece quando ela é representada como Nossa Senhora Aparecida Conceição, padroeira do Brasil, mas esta força é trabalhada paralelamente com o personagem Cleiton que vive seu processo de renascimento e purificação quando retorna para casa ainda no processo de estar alvejado pelos tiros que recebeu de seus algozes. Depois de Cleiton ter ressurgido dos mortos e Conceição ser santificada na quadra de samba, a protagonista pode encontrar de fato a felicidade desejada desde o primeiro capítulo, ela se casa com Cleiton e se torna uma mulher respeitada por ele. Apenas depois deste sacramento, acontece a primeira relação sexual de Conceição, que se torna o último e importante marco na trajetória desta personagem que viveu três tentativas de violação de seu corpo além de diversas situações abusivas pelo fato de ser mulher... mulher negra.

Já na série da TV Cultura, a personagem Bianca não abandona suas realizações pessoais e decide ingressar em um programa de intercâmbio no qual poderá exercer uma nova perspectiva para si mesma. Ao ser aprovada para a viagem ela se questiona sobre os três meses que vai passar longe de sua família e de seus amigos. Com essa sombra pairando sobre sua cabeça, ela reforça para si a necessidade de zelar pelo seu núcleo familiar, imposta a ela desde o começo da narrativa. O cuidado que Bianca tem com seu irmão é reforçado através do bullying que praticam com o Pedro em um show de calouros na escola, Bianca acredita que precisa cuidar dele, mas ao ver seu irmão resolvendo seus próprios dilemas ela compreende que não há mais necessidade em se preocupar com o rapaz.

Bianca embarca para seu intercâmbio apresentando um desenvolvimento narrativo maior do que comumente é apresentado para mulheres negras. Uma adolescente periférica luta para dar continuidade a sua formação acadêmica e conquista um novo espaço para si. Nisto, Bianca faz com que seus desejos sejam respeitados

dentro da construção de sua trajetória e assim a narrativa não concede espaços para a estereotipação desta personagem negra, que consegue manter-se como protagonista durante todo o desenvolvimento da série sem que ela fosse subjugada por construções raciais. A trajetória de Bianca vem como uma reafirmação da mulher negra e periférica em um local onde ela é capaz de decidir por si mesma e construir sua própria realidade.

4. CONCLUSÃO

A necessidade de representar personagens negras de uma forma digna e humana faz com que essas obras sejam importantes caminhos na construção de um imaginário de uma sociedade racialmente igualitária na qual mulheres negras sejam representadas com menos erotização e mais respeito em relação as suas individualidades e subjetividades. Podemos entender que é necessário a construção de um vasto campo narrativo e dramático audiovisual nos quais protagonistas negras não sejam objetificadas por seus criadores. Por outro lado, é inegável o progresso desde a análise feita por Joelzito Araújo para a realidade encontrada, por exemplo, na série Pedro e Bianca.

Mesmo com a erotização exagerada de Suburbia, há na série uma representação de irmandade entre mulheres negras que é importante para nosso senso de comunidade e respeito próprio. Apesar disso, a relevância da estrutura narrativa de Suburbia não faz questionar se este é o caminho pelo qual devemos guiar nossas personagens negras num intuito de quebrar estereótipos raciais que reforçam o posicionamento de mulheres negras midiaticamente.

A série acrescenta de maneira suave as relações problemáticas as quais jovens negras podem usar e maneiras de resolver conflitos com inteligência sem deixar de lado o protagonismo dessas mulheres em suas narrativas. Esta representação positiva da perspectiva negra faz com que mais mulheres se vejam fortes e assim se mantenham firmes para alcançar seus objetivos, entendendo as necessidades e caminhos a trilhar sem deixar que os outros as desrespeitem abertamente e sem perpetuar a hierarquia racial que faz com que mulheres negras sintam inferioridade perante mulheres brancas. Assim sendo, a narrativa proposta na série Pedro e Bianca engrandece a mulher negra, possibilitando uma digna construção de empatia entre a história e as espectadoras do programa.

Conceição e Bianca acrescentam perspectivas que ao mesmo tempo rompem e perpetuam locais já explorados por mulheres negras em narrativas e séries, mas há uma crescente melhora na estruturação das nossas protagonistas perante mulheres negras que eram estereotipadas e objetificadas em enredos que retratavam apenas a perspectiva branca sobre corpos negros. Essa nova condição da mulher negra como protagonista é importante e deve crescer para que não mais vejamos personagens contentes em papéis nos quais a importância delas seja questionável e sem fundamentação crítica sobre a sociedade na qual estão inseridas.

5. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Joelzito de Almeida. *A Negação Do Brasil*, SENAC, 2004, São Paulo, SP.

hooks, bell (sic). *Alisando Nosso Cabelo*, 2014. Disponível em:
<<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 28
Fev. 2019.

hooks, bell (sic). *Intelectuais Negras*, 2014. Disponível em:
<<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 28
Fev. 2019.

SANTOS, Andréa Luisa Martins dos. *Mulher Negra: das formações discursivas à
consolidação e quebra do estereótipo da mulata que dança*, 2018